

VI

SECÇÃO DE LISBOA

DUAS CARTAS TOPOGRÁFICAS DE GRAÇA
FALCÃO (1894-1897) E A EXPANSÃO DO ISLAMISMO
NO RIO FARIM

POR

ANTÓNIO CARREIRA

Separata de GARCIA DE ORTA, Revista da Junta de Investigações do Ultramar — Vol. 11 — N.º 2, pp. 189-212

Duas cartas topográficas de Graça Falcão (1894-1897) e a expansão do islamismo no rio Farim (*)

ANTÓNIO CARREIRA

I

A propagação da religião e da cultura islâmicas na Guiné Portuguesa não pode ser estudada como fenómeno isolado ou independente dos movimentos, no tempo e no espaço, ocorridos nas áreas circunvizinhas ⁽¹⁾.

Trata-se de um processo de aculturação bastante complexo, cujo surto principal nasceu em pontos diferentes, dos quais veio a irradiar, em ondas sucessivas, de norte para sul e de leste para oeste, numa progressão ora lenta, ora acelerada, mas em qualquer dos casos deixando sólidas raízes.

A Guiné Portuguesa esteve sempre, neste aspecto, sujeita à influência dos movimentos desencadeados pelos dirigentes islâmicos, tanto do Futa-Toro como do Firdu e do Futa-Djaló. Parece, todavia, que foram os do Futa-Djaló e os do Firdu que neles desempenharam papel mais destacado. Esse facto deriva não só da maior contiguidade das regiões, como em especial das afinidades étnicas, culturais e familiares que ligavam as populações e os dirigentes de maior preponderância — quase todos fulas-forros e mandingas.

A luta travada em África pelos povos islamizados com vista à submissão dos animistas à doutrina do Alcorão data de há cerca de nove séculos. Nesse decurso de tempo conheceu fases de progresso (pelo menos aparente), fases de

estagnação ou mesmo de retrocesso, e fases de grande e espectacular progresso. Para o caso em apreço não interessa remontar a épocas recuadas. Destas, poucos elementos seguros possuímos e o reflexo da acção de proselitismo só se fez sentir verdadeiramente, entre os povos da Guiné, dos fins do último século em diante. A fase anterior foi de mera preparação.

Sabe-se com segurança que os povos de Sonin e de Mande atingiram a área da nossa Guiné nos séculos XIII ou XIV, tendo sido seguidos logo pelos Ful-Bés — estes no século XV. Admite-se como certo que estes dois grandes grupos, ao fixarem-se no Alto Geba (no Cabo, N'Gabu ou N'Gabu-El, como era então conhecido) e no Brasso (ou Berassu), eram, ainda, na sua totalidade, animistas, grandes «bebedores» de *dôló* (vinho de milho). É possível, entretanto, que no grupo dos Ful-Bés houvesse um ou outro núcleo reduzido de neo-eslamizados; mas, se os havia, deveriam sê-lo sem grande apego ou convicção.

Ê este um ponto que convém fixar para compreensão do que se segue.

Nas outras regiões adjacentes o panorama do animismo era idêntico ou similar. Os islamizados rareavam.

No início do século XVII, nessa área, só existia, pois, um culto: o animista. Os povos que o seguiam estavam distribuídos da seguinte forma:

- 1.º Nas duas margens do Casamansa: Felupes (Hulupes), Baiotes, Banhuns, Cassangas e Balantas (os actuais Diólás dos Franceses), Soninqués, Mandes e Fulacundas (os nossos Fulas-Forros);

(*) Trabalho do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga (Secção de Lisboa).

⁽¹⁾ Esta parte do trabalho é baseada sobretudo nas obras de Machat, Arcin, Marty e Gouilly, discriminadas na lista bibliográfica anexa.

2.º No Futa-Djaló: ao norte, os Conhagis e os Bassaris; e mais ao sul, no maciço principal:

- a) Os denominados Djalo-Nkas (designação toponímica), ou sejam os mestiços de Mandes, sobretudo Sossos, e outros povos antigos e que constituiriam os autênticos autóctones da região ou, pelo menos, os seus mais primitivos habitantes;
- b) Os descendentes de camadas de origem *peul* ou *pulô*, conhecidos por Puli, da tribo dos Ururo (pl. Urur-Bé), que em data imprecisa, mas por volta de 1500-1511, invadiram o Futa. Os parentes próximos destes Pulis existiam em estado de relativa pureza étnica na primeira vintena deste século no Ferio e no Futa-Toro, com a designação de Ful-Bé, mas, tal como os do Futa-Djaló, muitos ainda inteiramente animistas.

No decurso do século XVII assiste-se a um intenso proselitismo; e durante o século XVIII processa-se a unificação política e religiosa do Futa-Toro e do Futa-Djaló, sob a égide do islamismo.

No Futa-Toro a islamização das gentes foi rápida e quase total, devendo-se esse sucesso à acção vigorosa dos *torodos* ⁽²⁾, designação dada aos *karamôs* que se empenharam na tarefa. No dizer de autores antigos, a conversão foi tão intensa e extensa que a denominação de *pulô* ou «*peul feiticista*», então em uso, desapareceu inteiramente para dar lugar à de «*tuculores islamizados*» (ou melhor, «*tucurores*»). Ao contrário, porém, no Futa-Djaló a islamização encontrou sérias resistências e só se processou mais extensamente após lutas terríveis, que duraram até ao final do século XVIII ou mesmo até ao início do XIX.

Submetidos e dominados os animistas do Futa-Djaló com ou sem conversões, os Fulas di-

vidiram o território numa espécie de «províncias religiosas», com a designação de *diuâl* (ou *diwal*), e estas por sua vez em *missidis* — ou *missidas*, *missidô* ⁽³⁾ —, espécie de «paróquias», constituindo estas uma como primeira célula política. Cada *missidi* era constituída por um número variável de conjuntos de «*moranças*», sujeitas à autoridade de um chefe de família. Inicialmente, a designação de *missidi* era dada aos pequenos povoados situados, de preferência, nas planícies de capim destinadas ao pastoreio de gado e nas áreas lateritizadas (o *bôhâl* ou *bowal*). O conjunto de habitações de carácter provisório destinado ao abrigo temporário das pessoas durante o período de trabalhos agrícolas tinha a designação de *fulasso*. Adstrito a cada *fulasso* existiam os agrupamentos de cativos, conhecidos por *ru-mdê* (*rumedê* ou *rundê*), que viviam e trabalhavam sob a vigilância de um *satigui* (forma simplificada de *siratigui* ou *silatigui*, «dono da estrada ou caminho»), cargo este desempenhado por indivíduo da confiança do almami ou do chefe da *diuâl* ou da *missidi*. A designação de *silatigui* era a usada no Senegal e no Timbô, ao passo que em Labé empregavam a de *manga*, «o que dirige ou orienta» (homens).

No decurso do século XVIII as migrações dos chamados Ful-Bé ⁽⁴⁾, do vale do Níger, de Ma-

⁽³⁾ Do árabe *mesdjid*, sede de «paróquia» e também «mesquita». Os Fulas usam igualmente *missikum* para definir «pequenas mesquitas». Na sua língua existe o termo *tipurú*, que significa «pequena mesquita».

⁽⁴⁾ Os elementos considerados (no Ferio, Bundu, Macina, Trarza, Brakna, etc.) étnicamente mais puros — os Pulô Dimô (legítimos), Peul ou Pul — falam o dialecto *pulâr*, que é também o dos Tucurores ou Tuculores (do topónimo Tekrur), dizendo-se os autênticos Hâl Pularên, ou seja a língua na sua feição pura. Pretendem assim distinguir-se dos do ramo Fula, o que fala o dialecto *fula-forro* (o *fulacunda* dos Franceses), e que predomina desde o Gâmbia até ao Sul do Corubal. Estão assinaladas dezassete variantes dialectais do *pular*. O dialecto do Futa-Djaló, por exemplo, é bastante mais aperfeiçoado que o *pularêt*, falado pelos de Macina. Do nome Pulô ou Peul ou Ful-Bé (pl.) os Sossos fizeram a adaptação à sua fonética, transformando-o em *Fulâ* ou *Fulâh*. Em muitos sectores mandingas existe a versão de que o etnónimo Fula deriva do cardinal *dois* em língua mande (que na realidade se pronuncia *fulâ* ou *fulâh*), pretendendo com isso envolver a ideia de que os antigos Ful-Bé ou Peuls sempre se mostraram homens de duplo carácter, isto pelo facto de terem sido acolhidos com simpatia pelos Mandes aquando das primeiras migrações, vindo eles a revoltar-se contra os «donos do chão» logo que aumentaram em número, traindo assim as leis da boa hospitalidade. Alguns autores pretendem que o etnónimo deriva do árabe *felaḥ*, «camponês». Esta versão não colhe porque o Fula foi

⁽²⁾ *Torod-bé* ou *torô-bé* (pl.) significa «aqueles que pedem, imploram ou pregam piedosamente». *Torodô* é a designação da classe de marabus do Futa Senegalês que dominou os Fulas no século XVIII. Deriva de uma associação de ideias com o topónimo Toro, segundo De Tressan.

cina, do Sahel e mesmo de Tichit (Mauritânia), haviam levado até ao planalto do Futa-Djaló as suas tribos de pastores. Encontraram ali bom acolhimento da parte dos Jaloncas (Sossos e mestiços de Fulas, estes constituídos pelos descendentes dos Pulis ou Pulos das migrações anteriores).

Em grande parte do Futa-Djaló uma das seitas islâmicas que mais influência exerceram foi a dos Kadria (ou Qadría), da facção *lunta*, de Tombuctu.

Nos últimos anos do século XIX, o poder político e religioso dos almamis foi atingido duramente com a ocupação francesa do Futa-Djaló. Essa ocupação visou a submissão dos animistas do litoral e o controle dos chefes de *diuál*, cujo domínio sobre uma enorme população e em extensa área constituía sempre um perigo real ou em potência.

O facto consumou-se com o tratado de 6 de Fevereiro de 1897 ⁽⁵⁾, feito em Timbô e subscrito

sempre, pelo seu temperamento nómada, a negação do camponês, homem fixado à terra. Sobre este etnónimo muito há ainda a esclarecer, não só quanto à sua provável origem, como acerca das variantes fonéticas criadas pelos seus diversos subgrupos e por etnias estranhas. A designação de Fula é mais propriamente dada aos mestiços dos Pulos, os mais puros de sangue, com mulheres de pigmentação acentuada.

⁽⁵⁾ O período que decorreu entre 1845 e 1897 foi assinalado por uma autêntica epidemia de tratados, convenções, actos adicionais, declarações, actos de submissão e outros papéis de idêntico significado, uns firmados por agentes oficiais, outros por simples exploradores ou negociantes. Foi a época da «tratado-mania». No Futa-Djaló e imediações, só os Franceses fizeram, nesse período, 33 documentos desses! De entre todos, o que para nós tem mais interesse é a «declaração» de «Reconnaissance par les Foulacounda du protectorat français», datado de 4 de Fevereiro de 1891 e cujo teor é o seguinte:

«Moi, Mamadou Paté Coiagda, roi du Foréah et du Gabou, j'envoie le bonjour au commandant de Boké, qui est français. Je vous faire connaitre que la paix existe entre Gabou et Foréah et le Rio-Nunez. A partir de Nalud jusqu'à Salla, tous les villages qui se trouvent sur les bords du Compony dans le Foréah, avec Gabou, je les mets entre les mains du gouvernement français, avec ma tête que je confie aussi. Tous les voyageurs commerçants qui viendront dans mon pays (Foréah et Gabou) si quelqu'un les moleste qu'on vienne me réclamer; si quelques-uns de mes hommes allant dans le Rio-Nunez sont molestés, ils iront vous trouver. Salut. Boké, 4 février 1891.»

Veja-se que depois de assinado o tratado luso-francês de 12 de Maio de 1886, que nos tirou Ziguinchor e a margem esquerda do Casamansa, dando-nos a área até quase ao rio Compony (no Sul), as autoridades francesas de Boké aceitaram — e reconheceram — a vassalagem pres-

pelos nove almamis e mais cinco notáveis. Deste acordo resultou uma aparente tranquilidade no território.

De modo geral os almamis do Futa eram quase todos fulas, jacancas, sossos (os *djalonkas*) ou mestiços destes com outras etnias.

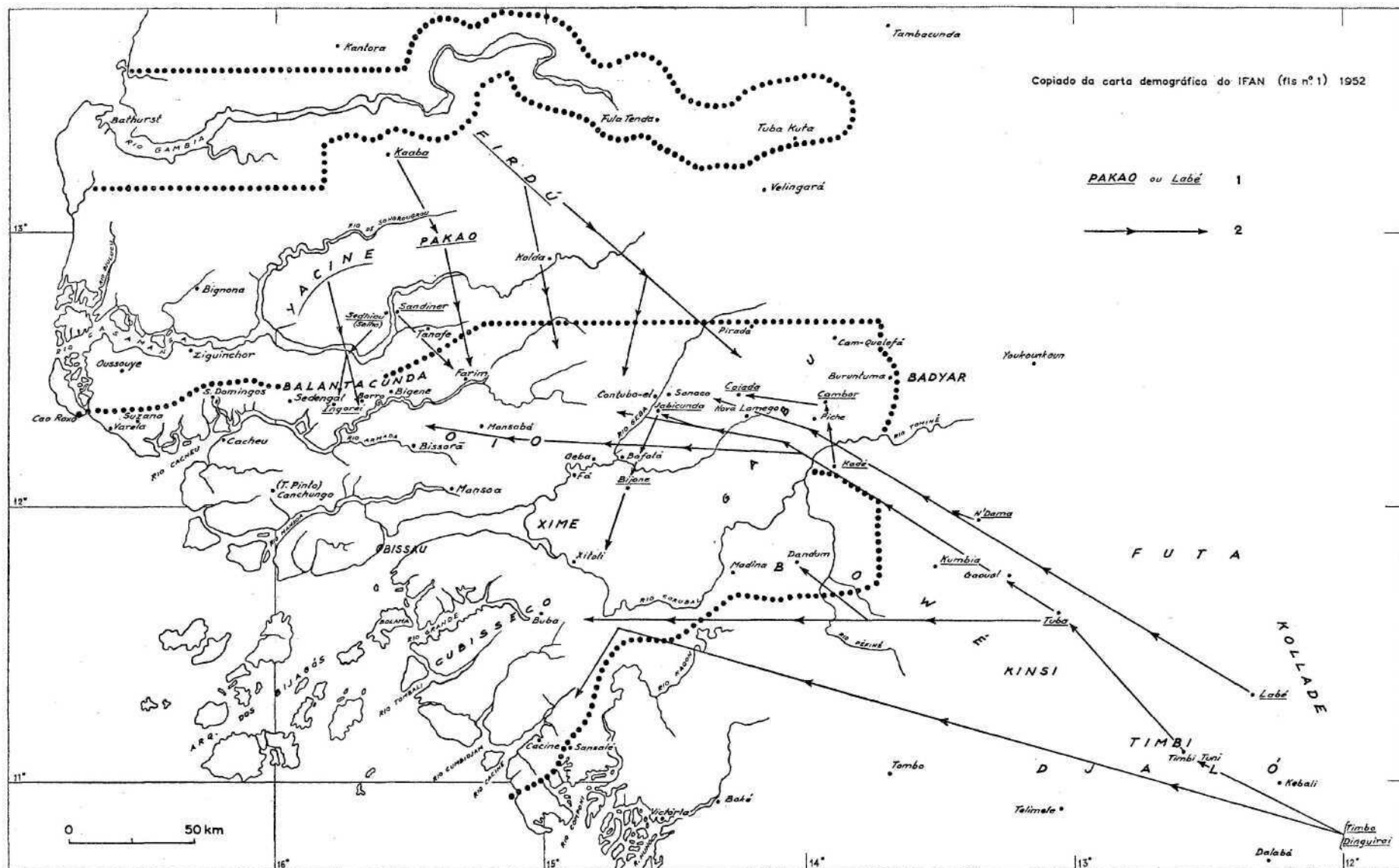
Cerca de 1900 verifica-se a penetração no Casamansa, na Guiné Portuguesa e no Futa-Djaló, de marabus procedentes da Mauritania, em particular dos clãs *Iunus* e *Mahfud*, usando a denominação de «xerifes». Estes agentes do islamismo, na maioria de cor branca ou ligeiramente bronzeada, infiltraram-se entre as populações negras, casando-se com as mulheres da terra sem qualquer preconceito de cor ou de confissão. Dos elementos da Mauritania, o que mais preponderou nesta zona foi o xerife *Moktar*. Instalou-se em Kula (Futa-Djaló), em 1903, e depois de conquistar rápido prestígio empreendeu diversas visitas a Gabu e a Bafatá, conseguindo que os régulos de Gabu, Monjur Embalo, e do Boé lhe entregassem os filhos a fim de receberem adequada instrução islâmica naquele centro.

Se a partir do tratado de Timbô as relações entre os almamis e as autoridades decorreram sem muitos incidentes de gravidade, no período de 1900-1905 a situação estava já bastante perigosa. Descobertas algumas conjuras, foi, em 1905, deportado para Daomé o chefe de Labé, *Alfá Iaia* — um dos homens que mais interferiram na vida do Gabu e do Forréá. Daí resultou a dispersão dos seus familiares e partidários, muitos dos quais se refugiaram em território português (Boé, Gabu, e Gussará, em Bafatá). Esses foragidos instalaram-se e passaram a uma activa propaganda do islamismo em todo este sector.

O Boé, designadamente a povoação de Dandum, passou a ser um dos principais refúgios dos que se sentiam inseguros em Labé, em Tuba ou em Kadé, este último povoado conhecido então por Kadê-Tuba. Muitos deles encaminharam-se, através da nossa Guiné, para o Casamansa e Gâmbia, em especial a partir de 1910-1912. Dessa onda de refugiados faziam parte Cherno Mamadu Diohé, seus familiares e partidários, todos da seita dos *Tidjania*, e que, ao entrarem no Gabu (em 1912), fixaram residência em Coiada, com o apoio e debaixo da protecção do régulo Monjur.

tada por Mamadu Paté, residente em Coiada, como régulo de Gabu e do Forréá — território reconhecidamente português! Então, como agora, pouca consideração havia pelos direitos alheios e pelos compromissos assumidos.

EXPANSÃO DO ISLAMISMO NA GUINÉ PORTUGUESA



1 — Regiões e centros de irradiação da propaganda

2 — Principais sentidos da irradiação

Mas o progresso do islamismo na Guiné não resultou unicamente da entrada dos foragidos do Futa-Djaló. A acção pacífica e persistente dos almamis teve nele uma influência decisiva.

O centro de Tuba, fundado em 1815 por Karam Bá, teve nisso papel significativo. Com a morte deste *karamô*, a orientação do proselitismo passou a seu filho Karamô Kutubô, da seita dos Kadria, o qual, depois de consolidar a sua posição, lançou uma vigorosa campanha com vista a conseguir alunos dos pontos mais distantes. Recebeu mandingas e fulas da nossa Guiné, sossos, jacancas e outros das imediações de Tuba. Auxiliado por seu filho Karamô Sankun (cujo nome muçulmano era Mohammed Taslimi), sabe-se que entre 1890 e 1905 instruiu cerca de 200 *talibés*, aos quais confiou o encargo de peregrinar pelo Baixo Casamansa e pela nossa Guiné, na conquista de adeptos. A acção de Sankun durou até 1911, ano em que foi intimado a abandonar Tuba, em consequência da guerra surda que estava movendo às autoridades.

Também entre 1900 e 1908, Cherno Siré, natural de Futa-Toro, instalou-se em Kadê, de onde prosseguiu intensa acção de propaganda islâmica numa área que abrangia a nossa Guiné e o Baixo Casamansa. Ao falecer, em 1908, deixou muitos continuadores da obra.

Outro sector do Islão que exerceu notável influência na nossa Guiné foi o de Timbô. Deste centro partiu em 1912 para o Gabu, e mais tarde para o Oio (Farim), Alfá Humaru (fula), que depois se aliou a Abdul Indjai, acompanhando-o nas suas andanças pelos mais variados territórios.

Quer dizer: no que concerne ao Leste, se os centros mais próximos da nossa fronteira, tais como Kadê, N'Dama, Tuba, Labé e Timbi-Tuni, desempenharam papel de relevo na islamização das nossas gentes, também não se pode subestimar a influência dos almamis e *karamôs* de Timbô e mesmo de Dinguiraye, embora situados a maiores distâncias. Do Norte, foram os homens de Yacine, de Pakao e do Firdu que assumiram a liderança; mas, mais concretamente, actuando dos centros de Selho e de Sandiner.

Por estas ligeiras referências é possível avaliar como o progresso do islamismo na Guiné se acentuou de modo notável no começo deste século, devido à acção dos dirigentes fixados nas regiões periféricas. Creio mesmo que os últimos 50-60 anos foram os mais decisivos para a radicação deste culto nos agrupamentos animistas.

II

Têm sido ultimamente feitas algumas referências à crescente expansão do islamismo em toda a Guiné Portuguesa. Poucas, entretanto, são as alusões a datas, a períodos concretos ou a causas exactas dessa expansão. Quer dizer: tem-se estimado, com maior ou menor probabilidade de erro, a marcha progressiva daquele credo e da consequente cultura, sem se apontarem, todavia, as principais causas.

Parece que não está no espírito de ninguém avaliar até que ponto os convertidos ao islamismo o fizeram com mais ou menos sinceridade. Também não me parece razoável admitir que dessa conversão resulte sempre um repúdio absoluto dos valores transmitidos a cada indivíduo ou agregado familiar ou social por sucessivas gerações de animistas. Numa primeira fase não se pode admitir que os convertidos se hajam integrado, de corpo e de espírito, no novo credo, abjurando, de modo integral, o ânimo-feiticismo. Não. Antes é de aceitar que em cada neoconverso passam a coexistir partes necessariamente imensuráveis de cada um dos credos.

A integração em absoluto de indivíduos ou de comunidades inteiras a um credo novo é, em regra, imperfeita. Não se anula repentinamente no subconsciente uma herança de muitas gerações. As novas conversões correspondem quase sempre a uma «aceitação» parcial do credo religioso ou da cultura. A «acomodação» (no sentido sociológico), essa só surge nas gerações seguintes, nos descendentes desses conversos — e nem sempre com a desejada extensão e profundidade.

O fenómeno é bastante complexo. Temos na própria história da propagação do islamismo em África muitos exemplos do género. Nem é necessário sair da Guiné para apresentar provas concludentes. Mandingas e Fulas-Pretos submetidos à dominação de régulos islamizados (da própria ou de etnia estranha) após a guerra de 1863-1880 só muito superficialmente se converteram. E os descendentes dessas gerações avassaladas pelos chefes islamitas surgiram ainda aos nossos olhos acreditando mais nas práticas animistas do que na acção confortadora do Alcorão. Os menos influenciados pelas leis de Maomet, esses preferiram sempre, como medida de precaução, um sincretismo dos dois credos. Maomet é bom e piedoso; mas o Irã não o é menos! Este devia ser o raciocínio de muitos. Um dos credos podia falhar; ficava o recurso ao mais seguro que... para o caso era sempre a prática mágica,

fonte do animismo. E isso não é mais do que uma das muitas formas por que se pode manifestar a regressão religiosa.

Se nas colectividades mais remotamente influenciadas pelo islamismo a regressão ao animismo não se pode considerar rara, nas de mais recente conversão ela toma desusada frequência. Verificamo-lo pessoalmente nos Biafadas, nos Soninqués e muito mais nos **Balantas-Manés**; e os próprios nativos, quer os recém-cristianizados, quer os filhos de pais cristãos, não estão, neste particular, totalmente isentos de culpas.

Tudo isto vem a propósito da determinação da época em que o islamismo teria conquistado mais decisivamente os povos localizados nas duas margens do rio Farim, na área que hoje constitui o concelho deste nome.

Há pouco mais de 40 anos percorri (a pé, bem entendido) todo esse território. Fiz ali vários recenseamentos fiscais, em especial para a arrecadação do então «imposto de palhota» e da «taxa de extracção de vinho de palma». Os que pagavam esta última constituíam na época a grande maioria da população, sobretudo mandingas, soninqués, **fulas-forros**, **fulas-pretos** e **balantas**. Era isso indicativo seguro de que a maior parte dos indivíduos dessas etnias permanecia apegada ao animismo, ao culto legado pelos seus antepassados. Cerca de 20 anos depois (1945), volvi à região e tive a oportunidade de constatar que os animistas que ali deixara aparecer nos recenseamentos como «islamizados». Não importa, repito, apurar o grau de sinceridade e de fé dessa conversão. Corresponhia a uma evolução social rápida e de repercussões incalculáveis.

Naquela época recuada de 1923, os balantas fixados entre Canja (limite com S. Domingos) e o rio de Sansancutó só em mínima parte estavam **mandinguizados**. Note-se que ao usar o termo «mandinguizado» (ou «mandinguização») tenho dificuldade em esclarecer o que representa, na realidade, só cultura mandinga e aquilo que, transmitido pelos Mandingas, corresponde ao recebido por estes da cultura e da religião islâmicas. Assim, ao dizer «mandinguização» envolvo, necessariamente, a «islamização». É, parece, impossível fazer a destriça, porque os Mandingas estão profundamente influenciados pelos **islamitas**.

Em outro trabalho já publicado tive a oportunidade de esclarecer que a designação «**Balanta-Mané**» (instituída já em **etnónimo**) deriva da junção ao **etnónimo** «Balanta» do apelido, de

origem mandinga, «**Mané**». Parece que foram os cristãos que o difundiram com o intuito de individualizar os balantas integrados na cultura mandinga e para não se confundirem com os que se conservavam apegados às tradições próprias do seu grupo.

Como o apelido **Mané** (segundo nome de carácter clânico, ou seja nos Mandingas o *djamú*) era o mais generalizado no sector mandinga confinante com os Balantas, estes, quase em massa, mal se «mandinguizavam» adoptavam-no espontaneamente como segundo nome. Portanto, o sinal mais concludente da integração do Balanta na cultura mandinga era o uso desse apelido. Em muitos casos o uso do apelido nem sempre correspondia à realidade. Representava (e representa), por vezes, um indicativo de elevação social; servia (e serve) para conquistar consideração no meio — ainda que com certa dose de falsidade. É lembrar sempre que em muitas colectividades africanas ser-se **islamizado** (ou apenas dizer-se islamizado) é o mesmo que ser-se culto. Sabe-se ler, sabe-se escrever, sabe-se rezar, mesmo que deficientemente. É ser-se superior aos incultos, aos iletrados, aos bêbados.

Os marabus, os almamis e todos os propagandistas dessa religião nunca se esquecem, nas suas prédicas, durante as peregrinações, de realçar a importância que o indivíduo conquista na sociedade só pelo facto de saber rezar ou de saber ler e escrever ou de possuir um nome de feição islâmica. A par das características peculiares ao traje dos islamizados, o aparato das rezas colectivas, o ser-se letrado, o abster-se do uso do álcool, tudo isso seduz o Africano em geral e, portanto, auxilia a conquista de adeptos.

Como se sabe, o islamismo difundido em grandes sectores da África de população negra (ao sul do Saara) não corresponde à sua feição autêntica, tal como a admitem as seitas mais tradicionalistas. Não é a religião no puro contexto das camadas cultas. Antes representa uma adaptação aos valores **sócio-religiosos** da massa africana iletrada. Essa adaptação a cada condicionalismo regional deve-se a Africanos, pretos ou mestiços de pretos e mouros (da Maurítania) educados no Próximo Oriente e que, regressados ao seu meio, ali conquistaram preponderância notável pelo seu ascetismo, pela pregação ou pelo desapego a bens materiais. Impondo-se em vastas áreas, organizaram as suas seitas (podemos dizer dissidentes) e criaram doutrina específica condizente com a vida das sociedades africanas. Daí o dizer-se que, a partir de

certa zona ao sul do rio Senegal, está difundido (e é usado) um «islamismo africano» ou um «islamismo negro» (entenda-se: doutrina islâmica adaptada à estrutura social africana).

Na Guiné conhecem-se adeptos de quase todas as confrarias islâmicas do Senegal e do Futa-Djaló. Mas, segundo parece, as que possuem maior número são a dos Kadria (Kadiri-iá ou Qadria), a dos Tidjania (Tidjani-ia, Tidjaniya) e a dos Sidia (Sidi-iá ou Sidiya). A proporção desses adeptos é que não é fácil fixar. Só um inquérito bem conduzido poderia fornecer dados seguros.

M

Como disse antes, o estudo da difusão do islamismo entre os povos da Guiné não está ainda feito, nem o que se escreveu sobre o assunto se baseia em dados seguros. Em certa medida, não existe documentação adequada ou, quando ela porventura existe, faz parte de arquivos praticamente inacessíveis a nós outros. Todavia, muito recentemente, Teixeira da Mota ⁽⁶⁾ facultou-me duas cartas topográficas da região de Farim, pertencentes ao arquivo da Secção de Lisboa (de que é chefe) do Agrupamento de Estudos de Cartografia Antiga, da Junta de Investigações do Ultramar, elaboradas entre 1894 e 1897 pelo oficial do Exército Jaime Augusto da Graça Falcão, que nessa qualidade e, posteriormente, como administrador de circunscrição a percorreu em vários sentidos.

Graça Falcão — que bem conheci e apreciei — dá nesses esboços topográficos uma imagem bastante exacta do que era, então, a distribuição da população pelas duas margens do rio Farim. Procurou localizar o mais possível os povoados dentro de cada regulado, descendo à minúcia de indicar os povos segundo as respectivas etnias e o culto professado. Além da delimitação, no espaço, da área que cerca de 20 anos depois viria a ser a circunscrição administrativa, entrou no pormenor de fixar, em aproximação, o de cada regulado, ou «chão».

Vê-se que já nessa altura se dera a fragmentação do território em pequenos «chãos». O facto

está comprovado pela interpenetração dos diferentes grupos étnicos. Desaparecera (se é que existiu em rigor) a unidade étnica em cada «chão» ou na própria área. Rigorosamente, essa unidade só existia no chamado «chão» dos Balantas, delimitado a leste pelos rios Sansancutó, na margem direita, e Gansambu, na esquerda. Na restante área acantonavam-se indiscriminadamente mandingas, soninqués, fulas (pretos e forros) e cristãos.

Falcão diferenciava os mandingas islamizados dos mandingas animistas, designando os primeiros por «mandingas mouros» e os segundos por «mandingas soniqueses bebedores». Era, de resto, como se dizia na época. O «mouro» não correspondia, apenas, ao natural da Mauritânia; definia (e define) também, e muito mais, todo aquele que abraçasse o islamismo. Esta ideia é ainda a que perdura, talvez pela circunstância de os primeiros propagandistas do Islão que contactaram com os negros africanos serem originários da Mauritânia ou vindos, através desta, do Magrebe.

Já nos primeiros anos do século XVI, Valentim Fernandes ⁽⁷⁾, em 1506-1510, se referia a «azenegues moros» vizinhos dos Jalofos, aqueles a norte e estes a sul do rio Senegal.

A propósito da actuação dos *mouros*, Monod e Mauny ⁽⁷⁾ afirmam que «Pislamisation des chefs ouolofs, bien superficielle, mais qui leur permettait de mettre leurs sujets à l'abri des guerres saintes» *des Maures*, doit donc se placer entre la fin du XI^e siècle, date à laquelle l'Islam fut implante définitivement sur les rives du Senegal par les Almoravides, et le XV^e siècle» (o grifo é meu).

Há, portanto, certa lógica em considerar «mouro» sinónimo de «muçulmano».

Outro pormenor curioso de Falcão foi o de destringer os Fulas-Forros dos Fulas-Pretos, aqueles em parte bastante islamizados e estes na sua grande maioria animistas.

O grupo balanta, que veio a formar o núcleo de Balantas-Manés (os de Barros e de Bijene), foi separado dos da margem sul do rio Armada (Carta n.º 4), então, como agora, conhecidos por «Balantas Bravos».

Postas, assim, estas notas preliminares, passo à análise dos dois esboços topográficos que fa-

⁽⁶⁾ Teixeira da Mota consegue aliar às qualidades de historiador probo as de etnólogo e as de investigador de excepcionais recursos. A sua obra, toda ela inteligente e meditada, coloca-o em lugar proeminente no nosso meio intelectual contemporâneo. Ao amigo presto, por isso mesmo, esta merecida homenagem.

⁽⁷⁾ Valentim Fernandes — *Description de la côte occidentale d'Afrique (Sénégal au cap du Monte, archipels)*. Memória n.º 11 do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, p. 151. Bissau, 1951.

zem parte da pasta n.º 27, sob os n.ºs 4 e 5, do arquivo do Agrupamento de Cartografia Antiga, da Junta de Investigações do Ultramar. Ambos esses esboços foram elaborados na escala de 1:200000.

Pela combinação dos elementos neles insertos consegui organizar, por etnias e em concordância com o culto professado por cada uma, a lista dos povoados, dentro de cada «chão» ou regulado. Respeitei as formas gráficas usadas por Falcão, que de modo geral não se afastam muito das actuais. Muitos topónimos estão mal grafados. Facto notável é o de a maioria dos povoados existir ainda hoje nos mesmos regulados.

Na apresentação procurarei localizar o melhor possível cada «chão» (regulado) e cada tabanca (povoado) segundo a margem do rio em que se situam, e dentro de cada uma os agrupamentos étnicos.

Apresento, por um lado, a relação de povoados ocupados unicamente por dada etnia e, por outro, os povoados de composição mista — de duas ou de mais etnias.

Assim, temos:

1 — BALANTAS (animistas)

a) *Na margem direita do rio Farim, a partir da delimitação com S. Domingos, para leste, até ao rio Sansancutó:*

T ABANCAS DE:

- 1 — Bagene.
- 2 — Banhima.
- 3 — Barro.
- 4 — Bucaúro.
- 5 — Bugbor.

- 6 — Canja.
- 7 — Chuncumo ou Chuncupe.
- 8 — Mansacunda.
- 9 — Porto de Canja.
- 10 — Saddu.
- 11 — Samboyá (é Sambuíá).
- 12 — Sameje.
- 13 — Santante (é Sansanto).
- 14 — Suaré.
- 15 — Talicó.
- 18 — Ualicunda.

b) *Na margem esquerda, entre os rios Armada e Bum-àra:*

- 17 — Baiab.
- 18 — Bacruco.
- 19 — Bajapo.
- 20 — Borayá.
- 21 — Boulassar.
- 22 — Bum-àra.
- 23 — Canfojam.
- 24 — Canshanfam.
- 25 — Conahi.
- 26 — Concoli.
- 27 — Cossi.
- 28 — Cussondongo.
- 29 — Cussoni.
- 30 — Embixam.
- 31 — Fanjá ou Mansacunda.
- 32 — Gudar.
- 33 — Jabel.
- 34 — Joncôtó.
- 35 — Libari.
- 36 — Matari.
- 37 — Moni.
- 38 — Nhanfá.
- 39 — Oculi.

Carla n.º 4 (pasta 27)

Graça Falcão utilizou nestes mapas tinta a cores para identificar os grupos étnicos. Como, porém, essa sinalização não podia ser diferenciada na fotografia, substituí-a por letras, colocadas em pequenos círculos. Do mapa n.º 5 existe um outro exemplar, em papel tela, no Arquivo Histórico Ultramarino, arquivado no maço de «Extractos do registo e índice de documentos importantes — Letra C — Carta do Oio (Guiné) pelo tenente graduado Jaime Augusto da Graça Falcão, apenso ao ofício n.º 144, de 22 de Maio de 1897, do Governo da Guiné».

Assim, ficam identificadas as etnias pelas seguintes iniciais:

- B — Balantas.
 F — Fulas-forros (em parte islamizados e em parte animistas).
 FP — Fulas-pretos (na sua grande maioria animistas).
 M — Mandingas «mouros» (os islamizados).
 S — Mandingas soninqués (ou sejam os «bebedores» ou animistas).
 MS — Mandingas «mouros» + soninqués «bebedores».
 MFP — Mandingas «mouros» + fulas-pretos (animistas).

- MSC — Mandingas «mouros» + soninqués + cristãos.
 MSFP — Mandingas «mouros» + soninqués + fulas-pretos.
 MF — Mandingas «mouros» + fulas-forros.
 MC — Mandingas «mouros» + cristãos.
 SC — Mandingas soninqués + cristãos.
 SFP — Mandingas soninqués + fulas-pretos.
 FPC — Fulas-pretos + cristãos.
 FC — Fulas-forros + cristãos.
 C ou J — cristãos.

- 40 — Ouèdé (Uèdé).
- 41 — Ponta Bum-àra.
- 42 — Sonjam.
- 43 — Undaldem,
- 44 — Yadôr.
- 45 — Yan-aná.

2 — GRUPO FULA

Era constituído pelos **Fulas-Forros** (os Fulas-cundas dos **etnógrafos** franceses) e pelos **Fulas-Pretos**. Estes foram conhecidos durante muitos anos por «Fulas Cativos» pelo facto de provirem, em regra, das diferentes etnias submetidas à escravidão pelos Fulas-Forros e pelos Futa-Fulas.

A) Fulas-Pretos (animistas):

a) *Na margem direita do rio Farim, a partir do rio Sansancutó para leste:*

BINA-KARANTABA

- 1 — Batteah.
- 2 — Duamim.
- 3 — Colinianacunda.
- 4 — Iessacó.
- 5 — Ioba-Talham.
- 6 — Jobicó.
- 7 — Ôló-ôló.
- 8 — Saracocunda.
- 9 — Solinto.
- 10 — Soribá.
- 11 — Urumáia.

CANIÇO

- 12 — Banjanacunda.
- 13 — Berandim.
- 14 — Bissary.
- 15 — Dutato.
- 16 — Faranhá.
- 17 — Marado.
- 18 — Sambuanacunda.
- 19 — Sanjani.

LAMBAN

- 20 — Buncuntuni.
- 21 — Caale.
- 22 — Cuta-dalá.
- 23 — Fulacunda.

- 24 — Lamban.
- 25 — Lambanzinho.
- 26 — Majicá.

BANDIM

- 27 — Bereáh.
- 28 — Bubu-cunda.
- 29 — Calàcono.
- 30 — Coricacunda.
- 31 — Jidimáh.
- 32 — Lamem.

JEGA

- 33 — Burijala.
- 34 — Iricum-ótó.
- 35 — Iura.
- 36 — Jalocunda.
- 37 — Jancunda.
- 38 — Madi-Buya.
- 39 — Norabanta.
- 40 — Sansan-jega.
- 41 — Saribácono.
- 42 — Sibicarante.
- 43 — Suamecunda.
- 44 — Talei.
- 45 — Talinculú.
- 46 — Talitó.
- 47 — Ungurel.
- 48 — Uolucunda.

CAMACÓ

- 49 — Caradicunda.
- 50 — Jenam.
- 51 — Mombó.
- 52 — Nematabá.
- 53 — Patécunda.
- 54 — Sototo.
- 55 — Temanto.

CARESSE

- 56 — Sare Duló.
- 57 — Sototo.
- 58 — Umbulopoló.

CORLA

- 59 — Bananto Grande.
- 60 — Banantozinho.
- 61 — Canacó.
- 62 — Dabaribolon.
- 63 — Dandú.
- 64 — Jidimáh.

PATTEA

65 — **Securó.**

BEADO

66 — **Bricamazinho.**
67 — **Iero Dembocunda.**
68 — **Indemba.**
69 — **Sincho Iobá.**
70 — **Tencó.**

JUFUNAH ou SULOÇÓ

71 — **Jufunáh ou Jafanú.**

B) Fulas-Forros (parte islamizados e parte animistas) — do rio Gansambu para leste:

a) *Na margem esquerda do rio — região do Oio:*

GANSAMBU

1 — **Cansancó.**
2 — **Fulacunda.**

CANJAJA

3 — **Arijumanacunda.**
4 — **Canjambam.**
5 — **Saladalá.**
6 — **Sucotó.**

MANDINA

7 — **Fulacunda.**

COLI-SARA

8 — **Santanto.**

CANFANDA

9 — **Santanto.**

MAMBONCO

10 — **Boncotó.**

MORES

11 — **Colima-ké.**
12 — **Cudana.**
13 — **Jidimáh.**
14 — **Saijoia.**
15 — **Santambato.**

MANSODÈ

16 — **Dutató.**
17 — **Fulacunda.**

18 — **Reinsecunda.**
19 — **Sambeliá.**
20 — **Solintó.**
21 — **Tambandinto.**

BIRIBAN

22 — **Colimessencunda.**
23 — **Cunhinacunda.**
24 — **Faranhá.**
25 — **Jinacunda.**

MANSABÁ

26 — **Boicunda.**
27 — **Calácono.**
28 — **Cantacó.**
29 — **Codudo.**
30 — **Japelecunda.**
31 — **Machambate.**
32 — **Mansomini.**
33 — **Quiacunda.**

MANHAU

34 — **Culiuria.**
35 — **Damasianha.**
36 — **Fancá.**

GUSSARÁ

37 — **Amadissirá.**
38 — **Badugú.**
39 — **Banjanacunda.**
40 — **Cambambi.**
41 — **Cansoncó.**
42 — **Cantacunda.**
43 — **Colyancunda.**
44 — **Ierocumbaya.**
45 — **Jamburo.**
46 — **Jancunda.**
47 — **Jidimáh.**
48 — **Mansidi.**
49 — **Patteáh.**
50 — **Sambel-auaiá.**
51 — **Sinjanto.**

GINDŪ

52 — **Berandinto.**
53 — **Cambajú.**
54 — **Mamakulim.**
55 — **Patharih.**
56 — **Samaculu.**

POVOS INDEPENDENTES (n.º 28, carta 4)

57 — **Canfonda.**

3 — GRUPO MANDINGA

Os seus elementos fixados na Guiné pertencem ao agrupamento linguístico dos *Mandé Tan* (*tan* ou *tã* é a designação do cardinal dez), representados por Mandingas propriamente ditos e por Soninqués (estes chamados «bebedores» por serem animistas e beberem álcool).

A) Mandingas Mouros (ou sejam os islamizados):

a) *Na margem direita do rio:*

BINA-KARANTABA

1 — Urancanda.

CANIÇO

- 2 — Bantanjam.
- 3 — Bongé.
- 4 — Caniço ou Saracunda.
- 5 — Dembabuia.
- 6 — Madina.
- 7 — Ofodé.
- 8 — Saliquênhê.
- 9 — Tambanancó.
- 10 — Tambato.

JEGA

11 — Arafan Jassi.

CAMA CÔ

- 12 — Bantancuntú.
- 13 — Canfoiá.
- 14 — Sibyam.

BIADO

15 — Bircamo Grande.

JUFUNAH ou SULUCÔ

- 16 — Dassilame.
- 17 — Cancricó.

b) *Na margem esquerda do rio:*

GINDÔ

- 18 — Boncó.
- 19 — Mansidi.
- 20 — Ponta Gindú.
- 21 — Tambicó.

GUSSARA

- 22 — Bambayá.
- 23 — Bantanjam.
- 24 — Cuntubá.
- 25 — Daboyá.
- 26 — Farancunda.
- 27 — Iofarim.
- 28 — Jabicunda.
- 29 — Jamaya.
- 30 — Mambuncú.
- 31 — Pacuah.
- 32 — Tento.
- 33 — Sissébayá.

MANHAU

- 34 — Cancumba.
- 35 — Cubani.
- 36 — Cucutó.

MANSABA

- 37 — Dembassó.
- 38 — Oassadú.
- 39 — Tabatú.

VALIA

40 — Cantufó.

BIRIBAN

41 — Cunhiantó.

MANSODE

- 42 — Bêrêcô.
- 43 — Bêrêcozinho.
- 44 — Bijine.
- 45 — Buró.
- 46 — Jelicunda.

MAMBONCÔ

- 47 — Iraiá.
- 48 — Suariá.

GANSAMBÛ

- 49 — Caniço.
- 50 — Cantacó.

SAMBEL-NHANTA (hoje concelho de Bafatá)

- 51 — Cancumba.
- 52 — Fâh.
- 53 — Jelicunda.

- 54 — Kadera-Sisseiá.
- 55 — Mansonàh.
- 56 — Sancelá.
- 57 — Tumaná.

CARESSE

- 10 — Sare Lauro (é Alá Huró).

b) *Na margem esquerda do rio:*

BATHUR

- 11 — Bathursansan.
- 12 — Canito.
- 13 — Maracunda.
- 14 — Nhamburàh.
- 15 — Nhàni.
- 16 — Sibi-cuntó.

B) **Mandingas Soniqueses «Bebedores»** (os amistos):

a) *Na margem direita do rio:*

BINA-KARANTABÁ

- 1 — Cuféo.
- 2 — Ujéque.

CANIÇO

- 3 — Caniço.
- 4 — Cumbijam.
- 5 — Sancelancó.

CORLA

- Q — Camalém.
- 7 — Cantabá ou Cantaiá.
- 8 — Fakiná.
- 9 — Sinhámuta.

JAGALI

- 17 — Cujau-aná.
- 18 — Jagali.

POVOS INDEPENDENTES (n.º 28, carta 5)

- 19 — Banculém.
- 20 — Bêrêcô.
- 21 — Bissajary.
- 22 — Bissoram.
- 23 — Cambajú.
- 24 — Canfonda.

Carta n.º 5 (pasta 27)

A legenda da carta n.º 4 aplica-se também à carta n.º 5. Esta possui mais as seguintes notas de esclarecimento às legendas:

Ao fundo, à esquerda:

- Limites do Oio.
- Limites da circunscrição.
- Limites dos diversos povos.
- Marcha seguida em Janeiro, ida.
- Marcha seguida em Fevereiro, volta.
- Marcha seguida em Março, ida.
- Marcha seguida pelo tenente Falcão, em Março, volta.
- Acampamento das colunas na ida ao Oio, em Janeiro.
- Terra habitada por cristãos.
- Terra habitada por mouros.
- Terra habitada por soniqueses.
- Terra habitada por fulas.

Nota — Os fulas do Oio são todos fulas-forros. Os outros, na maioria, fulas-pretos.

Ao fundo, à direita:

- N.º 1 — Território de Caresse.
- » 2 — » » Corlá.
- » 3 — " * » Jega.
- » 4 — » » Bandim.
- » 5 — » » Patteá.
- » 6 — » » Jufunah.
- » 7 — » » Biado.

N.º 8 — Território de Caniço.

- » 9 — » » Lambam.
- » 10 — » » Bubó.
- » 11 — » » Maná.
- » 12 — » » Gindú.
- » 13 — » » Gussará.
- » 14 — » » Manháu.
- » 15 — » » Mansabá.
- » 16 — » » Ualiá.
- » 17 — » » Biribam.
- » 18 — » » Mansodé.
- » 19 — » » Mamboncó.
- » 20 — » » Mores.
- » 21 — » » Canfanda.
- » 22 — » » Colisara.
- » 23 — » » Mandina.
- » 24 — » » Canjaja.
- » 25 — » » Gansambú.
- » 26 — » » Bathure.
- » 27 — » » Jagali.

» 28 — Povos independentes uns dos outros, Tiligy propriamente dito.

» 29-30 — Territórios dos Balantas.

» 31 — Balantas Bravos.

» 32 — Território de Sambel-Nhanta.

» 33 — Território de Mansoa.

- 25 — Cansancó.
- 26 — Cudécoli.
- 27 — Cunjungudu.
- 28 — Maké.
- 29 — Manambó.
- 30 — Mindodu.
- 31 — Sansambato.
- 32 — Silibamba.
- 33 — Unfary.

GINDŪ

- 34 — Gindú.
- 34 — Manjanú.
- 36 — Sadú.

GUSSARA

- 37 — Mantida.

MANHAU

- 38 — Injamá Cuta.
- 39 — Sansan-Manháu.

C) Mandingas Mouros e Mandingas **Soniqueses**
«Bebedores»

Trata-se de elementos de um mesmo grupo étnico, diferenciados apenas por um se ter islamizado e o outro se conservar animista.

Embora professando credos diferentes, viviam em perfeita e pacífica convivência nas mesmas tabancas.

a) *Na margem direita do rio:*

BINA-KARANTABA

- 1 — Bodeah.
- 2 — Cahur.
- 3 — Jenicó.
- 4 — Jidage.
- 5 — Sansancutó.

LAMBAM

- 6 — Farincó.

BANDIM

- 7 — Fambantam.

JEGA

- 8 — Cumbijam.

JUFUNAH ou SULOÇÓ

- 9 — Maninhãh.

b) *Na margem esquerda do rio:*

GANSAMBŪ

- 10 — Gansambú.

CANJAJA

- 11 — Canjaja.

MANDINA

- 12 — Mandina.

COLI-SARA

- 13 — Coli-sara.

CANFANDA

- 14 — Canfanda.

MORES

- 15 — Mores.

MAMBONCÓ

- 16 — Mamboncó.

MANSODÉ

- 17 — Bironque.
- 18 — Caùel.
- 19 — Mansodé.
- 20 — Tambato.

BIRIBAN

- 21 — Bafatá.
- 22 — Biriban.
- 23 — Ierabàto.

UALIA

- 24 — Waliá.

MANSABA

- 25 — Mansabá.
- 26 — Mansabá-sutú.
- 27 — Simpôr.

GUSSARÁ

- 28 — Gussará.
- 29 — Sotto Bayá.

POVOS INDEPENDENTES

- 30 — Caniço.
- 31 — Cauali.
- 32 — Dandú.

- 33 — Manacá.
34 — Nharom.

SAMBEL-NHANTA

- 35 — Sambel Nhantá.

4 — CRISTÃOS

Nesta especificação englobo os elementos das diferentes etnias e que, em face da acção missionária, se converteram ao cristianismo há mais ou menos tempo. Sigo, assim, a designação usada por Falcão e que, de resto, é a utilizada ainda hoje.

Trata-se de núcleos de reduzido número de indivíduos fixados em povoados próprios (em regra nas «pontas»), distintos dos outros grupos. Os cristãos que, em minoria, viviam em comunhão de tabancas com outras etnias, serão colocados na devida altura.

a) *Na margem direita do rio:*

BINA-KARANTABA

- 1 — Ponta José Lomba.

CANIÇO

- 2 — João Correia (Ponta).

PATTEAH

- 3 — Ponta Patteah.

b) *Na margem esquerda do rio:*

POVOS INDEPENDENTES

- 4 — Ponta Cuçafara.

GANSAMBŪ

- 5 — Ponta Mabarro.

GUSSARÁ

- 6 — Ponta Ionfarim.

SAMBEL-NHANTÁ

- 7 — S. Belchior.

CANJAJA

- 8 — Bêrêtó.

Até aqui enumerei as tabancas cujos ocupantes pertenciam a uma mesma unidade étnica. Agora passarei à enumeração das formadas por uma mistura de etnias, em perfeita e pacífica convivência.

5 — GRUPOS ÉTNICOS DIVERSOS, HABITANDO EM COMUM AS MESMAS TABANCAS E COMPARTILHANDO DOS MESMOS MATOS E DAS MESMAS TERRAS COLECTIVAS

a) *Na margem direita do rio:*

A) **Mandingas Mouros e Fulas-Pretos** (animistas):

BINA-KARANTABÁ

- 1 — Bina-karantabá.

JEGA

- 2 — Jumbembem.

B) **Mandingas Mouros, Soninqués** (animistas) e **Fulas-Pretos** (animistas):

PATTEA

- 3 — Patteah.

C) **Soninqués e Fulas-Pretos** (ambos animistas):

CANIÇO

- 4 — Bolombato.

D) **Fulas-Pretos** (animistas) e Cristãos:

CORLÃ

- 5 — Ponta Canjambary.

b) *Na margem esquerda do rio:*

E) **Mandingas Mouros e Fulas-Forros** (uns animistas e outros islamizados):

GUSSARÁ

- 6 — Sambuelacunda.

MANSODÊ

- 7 — Canquêbú.

F) **Soninqués Bebedores e Cristãos:**

POVOS INDEPENDENTES

8 — **Cuçafará.**

G) **Fulas-Forros** (animistas e islamizados) e **Cristãos:**

BIRIBAN

9 — Ponta Baquiabo.

10 — Ponta Ana Lomba.

MANSODÊ

11 — Ponta Compá.

H) **Mandingas Mouros e Cristãos:**

a) *Na margem direita do rio:*

BINA-KARANTABA

12 — Bintam.

CANIÇO

13 — **Banim.**

14 — Ponta Luís Xavier.

JUFUNAH ou SULOCÓ

15 — Talicó.

b) *Na margem esquerda do rio:*

JAGALI

16 — Ponta Jagali.

GUSSARA

17 — **Gansanimam.**

I) **Mandingas Mouros, Soninqués e Cristãos;**

a) *Na margem esquerda do rio:*

BATHUR

18 — Bathur ou **Tancroal.**

Não possuo dados numéricos relativos a esta população, até porque, na época, não era possível fazer-se um recenseamento em forma.

No entanto, mesmo que se possa considerar uma dada margem de erro ou de inexactidão nos esboços topográficos e na discriminação das etnias por parte de Falcão, o certo é que os dados apresentados têm o seu interesse e dão uma imagem perfeita da posição e distribuição dos povos, assim como da influência exercida pelos propagandistas do islamismo e de uns povos sobre outros.

Como já disse antes, muitos destes propagandistas nem sempre eram (ou são) dotados de grande cultura no campo da doutrina, nem eram por vezes letrados. Entretanto, conseguiram (e conseguem) impor-se às camadas incultas e iletradas mercê de certo poder de dialéctica. E com isso convenceram (e convencem) e conquistaram (e conquistarão) as massas.

IV

A posição dos diferentes grupos segundo a área ocupada era, consoante o número de tabancas, a seguinte:

| Grupos étnicos | Número de tabancas | |
|--|--------------------------|---------------------------|
| | Na margem direita do rio | Na margem esquerda do rio |
| Balantas | 16 | 29 |
| Fulas-Pretos | 71 | — |
| Fulas-Forros | — | 57 |
| Mandingas Mouros | 17 | 40 |
| Mandingas Soninqués | 10 | 29 |
| Mandingas Mouros e Soninqués | 9 | 26 |
| Cristãos | 3 | 5 |
| Mandingas Mouros e Fulas-Pretos... | 2 | — |
| Mandingas Mouros, Soninqués e Cristãos | — | 1 |
| Mandingas Mouros, Soninqués e Fulas-Pretos | 1 | — |
| Mandingas Mouros e Cristãos | 4 | 2 |
| Soninqués e Fulas-Pretos | 1 | — |
| Mandingas Mouros e Fulas-Forros | — | 2 |
| Soninqués e Cristãos | — | 1 |
| Fulas-Forros e Cristãos | — | 3 |
| Fulas-Pretos e Cristãos | 1 | — |
| <i>Total</i> | 135 | 195 |

Várias são as conclusões a extrair deste esquema. As principais, porém, podem sintetizar-se da seguinte forma:

1.º Do total de 330 tabancas, 135 situavam-se na margem direita do rio Farim e 195 na mar-

gem esquerda, ou sejam cerca de 44 % mais. É um índice relativamente seguro de que na margem sul, no chamado Oio, se deveria concentrar um maior volume de população do que na margem norte.

2.º Não sendo possível determinar com relativa precisão o número de tabancas pertencentes a fulas-forros islamizados e o das pertencentes a fulas-forros animistas, decidi, para este efeito, considerá-los todos como sendo islamizados — o que, no entanto, não corresponde à realidade. Assim, o grupo de animistas detinha 155 tabancas e o de islamizados 114. As tabancas compostas por população mista, de islamizados e de animistas, do grupo mandinga (mandingas mouros e soninqués «bebedores») eram em número de 35, e as de cristãos e de grupos heterogêneos (mistura de islamizados e animistas; de islamizados e cristãos; e de islamizados, animistas e cristãos) apenas 26.

Daqui pode concluir-se que a massa animista era muito maior em número do que a islamizada.

3.º O número de tabancas, segundo os grupos étnicos, estava em paridade entre mandingas (mandingas mouros e soninqués) e fulas (forros e pretos), sendo, respectivamente, 131 e 128, seguidos pelos balantas, estes apenas com 45. Todavia, se tivermos em conta que os chamados fulas-pretos, na sua maioria, mais não deveriam ser do que mandingas ou soninqués «fulanizados» pelo proselitismo dos Fulas-Forros e dos Futa-Fulas ou em consequência de guerras desencadeadas por estes com vista à submissão ou à escravização dos diferentes povos, não será desajustado admitir que a massa de origem mande seria muito mais numerosa que todas as outras no conjunto.

4.º A circunstância de os Fulas-Pretos (animistas) serem dados como habitando os territórios da margem norte do rio Farim, quando os Fulas-Forros (animistas e islamizados) se acantonavam, em exclusivo, na margem sul, pode bem ter sido uma consequência da orientação imprimida ao movimento migratório resultante das guerras da primeira e segunda metades do século XIX. Os Fulas-Pretos, descendo do Firdu, teriam provavelmente atravessado o Casamansa na altura de Coldá e Selho, ao passo que os Forros deveriam tê-lo feito mais para leste, a norte de Bafatá e Gabu, flectindo depois para oeste, na altura de Contubo e de Geba, para o Oio, onde se vieram a fixar. O rio Farim teria servido de barreira aos Fulas-Pretos, opondo-se,

em certa medida, à sua passagem ao Oio. Os Fulas-Forros, no seu trajecto, não encontraram cursos de água das dimensões do Farim e isso deve ter concorrido para a sua fixação no Oio. Por outro lado, os importantes contingentes de animistas, sobretudo de Balantas, teriam barrado o seu avanço em direcção ao litoral.

5.º Às 39 tabancas de soninqués «bebedores» devemos juntar as 35 dadas como pertencendo a comunidades mistas de mandingas mouros e de soninqués «bebedores», ambos do grupo mande, pois a coexistência, nas mesmas tabancas, de famílias de uns e outros (islamizados e animistas) pode ser tida como indício seguro de que a islamização deveria estar ainda na fase inicial; e essa circunstância facilitaria as boas relações de indivíduos com crenças diferentes.

6.º Os Balantas eram, por essa época, todos animistas. Provavelmente poucas relações mantinham com os vizinhos mandingas mouros, pois, destes, os mais próximos estavam fixados em Urancanda (deve grafar-se Urancandé), no «chão» de Bina-Karantabá, e, mais a leste, já em Caniço. Os Soninqués «Bebedores» é que ocupavam a margem esquerda do rio Sansancutó, próximo aos Balantas. Por muitos anos mais os Balantas permaneceram imunes (ou quase) à influência islâmica. É o que se pode deduzir dos dados do recenseamento de população realizado em 1910⁽⁸⁾, que acusou a existência no chamado «regulado de Barro» (na margem direita do Farim) de 1616 balantas, todos eles «feiticistas». Essa é precisamente a área a que se reportam os esboços de Falcão.

Quer dizer: se a documentação em análise não contém inexactidões de monta, ainda em 1910 poucos deveriam ser os balantas mandinguizados — os actuais Balantas-Manés. Todavia, em 1923 já se recenseavam bastantes sectores de Barro e de Begene sob a designação de «balantas-manés». A mandinguização destes processou-se mais intensamente no decurso daqueles treze anos. E a partir daí tudo decorreu vertiginosamente: de 1600 balantas recenseados na margem direita em 1910, contavam-se, em 1950, cerca de 5250, todos dados como balantas-manés e, por consequência, integrados no tipo de islamismo difundido pelos Mandingas Mouros.

7.º Ainda que não existam cifras que expressem o total da população, por etnias, em 1894-1897, o número de tabancas constante dos esbo-

(8) Resultados publicados no Anexo n.º 1 ao *Boletim Oficial* de 27 de Maio de 1911.

ços topográficos pode servir para mostrar a evolução havida nos setenta anos decorridos. No que toca a Balantas, não é possível tirar conclusões seguras, uma vez que a imigração verificada nos últimos trinta anos, de gente procedente de Mansoa, fez crescer em muito a população deste grupo, tanto na margem direita como na esquerda: em 1950 recensearam-se nessas áreas respectivamente 1530 e 2890 indivíduos. Quer dizer: conquanto a mandinguização dos balantas da margem direita se tenha processado rapidamente, os da margem esquerda conservaram-se mais apegados ao seu animismo. Os mandingas e os fulas do Oio pouco ou nada conseguiram deles, ainda.

No grupo fula, a posição é sensivelmente igual à de 1897, no que respeita aos Fulas- Pretos: o maior número localizava-se na margem direita (7360 em 1950); na margem esquerda havia apenas 950. Outro tanto se não pode dizer dos Fulas-Forros. Em 1897 são dados como inexistentes na margem direita, agrupando-se todas as suas tabancas na margem esquerda. Porém, em 1950, assinalou-se no censo uma quase igualdade nas duas margens: 1710 na direita e 1340 na esquerda, acrescidos de 740 e 250, respectivamente, de fulas do Futa (futa-fulas). Estes bem podem corresponder aos forros, pois para se engrandecerem têm a tendência de se apresentar como oriundos do Futa-Djaló.

No grupo mandinga, além do desaparecimento dos Soninqués (que passaram, na totalidade, a adoptar o etnónimo mandinga, pelo facto de se haverem islamizado ou mandinguizado), nota-se que a sua importância era, em 1950 (tal como provavelmente em 1897), maior na margem esquerda do que na direita. Nesta última margem foram recenseados, em 1950, 14 830 indivíduos e naquela 17 700. A posição dos grupos fula e mandinga, no que respeita a crenças, era, em 1910, pelo recenseamento antes referido e no que concerne apenas à população da margem direita (não encontrei dados da margem esquerda), a seguinte:

Fulas, 4133 indivíduos, todos eles «feiticistas»; Mandingas, 4231, todos eles «muçulmanos». Se também não há erros nem inexactidões neste censo, os Soninqués «Bebedores» registados em 1894-1897 mandinguizaram-se (islamizaram-se) nesse lapso de tempo; ao passo que os Fulas-Pretos se conservaram animistas até mais tarde, possivelmente só vindo a abraçar o islamismo no decurso de 1911 a 1923. Neste último ano pude verificar que grande parte deles se apresentou ao recenseamento com o rótulo de «islami-

zados». O número de tabancas encontradas no censo de 1950 é de 385, apenas mais 55 do que em 1894-1897.

8.º Os cristãos, a despeito da sua reduzida posição numérica no conjunto, carecem de uma referência especial. Vêem-se, por um lado, as boas relações de convivência que então (e sempre) mantinham com os outros grupos, animistas e islamizados; e, por outro, a tendência em criarem «pontas» onde cultivavam cana sacarina e géneros de subsistência, ao mesmo tempo que exerciam um modesto comércio de permuta. Não se pode considerar progressiva a cristianização das populações nativas. Em 1910, no censo a que me venho reportando, os nativos de raça negra cristianizados eram, na margem direita do rio, 269. E em 1950, em toda a área do actual concelho de Farim, recensearam-se apenas 360 indivíduos. Bem sei quanto de deficiente teve esta operação censuária no tocante ao carácter «religião». Mas, mesmo sem a notação, sabe-se que o progresso conseguido data de um período pouco posterior àquele censo. E esse mesmo progresso não foi aquilo que seria de desejar.

9.º Da análise dos nomes das diferentes tabancas enumeradas, designadamente as de Balantas e de Fulas (forros e pretos), radica-se logo no nosso espírito a enorme preponderância conquistada pelo elemento mandinga em toda a região. Repito: o Fula-Preto (sobretudo) é um autêntico mandinga camuflado com uma designação diferente.

Muitas tabancas de Balantas possuem nomes de origem mandinga: Bagene, adaptação de *Bejene*; Banhimá, derivado de *bá*, rio ou mar + *nhimá*, bonito ou agradável: rio bonito; Mansacunda, de *mansa*, régulo + *cunda*, sufixo locativo: povoado do régulo; Boraya, de *bôrá*, barba (que se usa muito como antropónimo) + *iá*, sufixo de filiação ou de ascendência: descendente de *Bôrá*; Bum-àra, de *bum*, casa + *ara*, varrer, limpar: varre a casa ou limpa a casa; Samboyá, de *Sambu*, antropónimo + *iá*, sufixo de filiação: descendente de *Sambu*. No mesmo caso estão Concoli, Talicó, Uali-cunda, Joncôtó, Nhanfá, Ponta Bum-àra, Sonjani, etc., todos do mandinga.

No que toca ao grupo fula (forros e pretos), apurei a seguinte posição: de 73 tabancas de Fulas-Pretos, 41 possuem nomes de origem mandinga ou nomes constituídos por vocábulos fulas completados por prefixos ou sufixos mandingas; de 59 tabancas de Fulas-Forros, 36 possuem nomes nas condições antes apontadas.

Foge às características destes subsídios a enumeração de cada um dos topónimos com aquelas **características**; mas quero apresentar alguns, ao acaso, para concretizar o ponto de vista expandido.

Assim, qualquer indivíduo que conheça as línguas mandinga e fula pode verificar a existência de:

- a) Nomes de tabancas de composição mista, de partículas de origem fula ou mandinga e de complementos prefixais e sufixais característicos da língua **mandé**:

Can e **gan** (prefixos) — **Can-jambari**; **Can-soncó**, **Can-fanda**, **Gam-bajú**, **Gan-sambú**;

Cunda e **cônó**, aquele como sufixo locativo e este como sufixo expressando a ideia de «dentro de...» ou «por dentro de...»: **Sara-cunda**, **Jan-cunda**, **Suame-cunda**, **Fula-cunda**, **Boi-cunda**, **Calá-cônó**, **Sare-bá-cônó**;

Iá, sufixo de filiação: **Urumá-iá**, **Sam-bel-iá**, **Amadi-iá**, **Iero-cumba-iá**;

Bá, sufixo aumentativo: **Sori-bá**, **Sari-bá-cônó**.

Dim, sufixo diminutivo: **Bera-ndim**, **Ba-ndim**.

- b) Nomes de tabancas compostos integralmente por vocábulos de origem mandinga. Apresento, como é óbvio, apenas alguns:

Nos **Fulas-Pretos**: **Fula-cunda**, tabanca fundada por fulas; **Bolom-bâto**, parte baixa do rio; **Iri-cum-ôtó**, cabeça (copa) da árvore (grande); **Dan-dú** ou **Dam-dum**, acaba além, e que se usa também para exprimir a ideia de «fim do mundo»; **Ji-dimâh**, água muito boa.

Nos **Fulas-Forros**: **Su-côtó**, casa velha ou casa **antiga**; **Santanto**, adaptação de **san-san-ôtó**, designação da antiga paliçada de guerra da época de dominação mandinga; **Bô-ncôtó**, sai de cima de mim ou desempacha-me a casa; **Jina-cunda**, de **Jim** ou **Gin** ou **Djin**, génio, espírito, **irã**: casa ou local dos génios, dos espíritos ou do **irã**; **Can-soncó**, local ou povoado da zaragata, do barulho, etc., etc.

O dialecto dos Fulas-Pretos está profundamente influenciado pela língua mandinga, quer no vocabulário, quer na estruturação dos termos e expressões. Se se estudassem em pormenor as línguas chamadas senegalo-guineanas, veríamos que, na sua maioria, também **foram** influenciadas pela mandinga — e numa extensão imprevisível.

V

Antes de empreender as considerações finais quero afirmar que parte dos Fulas-Pretos (sobretudo) e dos Mandingas de hoje apresentados como estando islamizados não o são na realidade. Isso não quer dizer, contudo, que a sua integração nesse credo deixe de dar-se. Não. Pelo menos em 1950 não se dera ainda totalmente. E é isso que quero demonstrar.

Segundo os elementos desse censo, a área em apreço (Farim) tinha **58 180** habitantes, dos quais **45 300** islamizados, **12 500** animistas e **360** cristãos. Ora, daquele total há **9368** indivíduos (balantas não manes, **manjacos**, **papéis**, **brames**, **mansoancas** e outros) reconhecidamente animistas, e que, acrescido dos **360** cristãos, perfaz **9728**. Como os animistas, em globo, são **12 500**, a diferença entre os dois números é de **2772** indivíduos. E estes pertencem indiscutivelmente aos grupos mais atreitos à aceitação do **islamismo**: Fulas e Mandingas. Logo, a sua **islamização**, como já disse, não era total. Se nos apuramentos daquele censo tivessem sido consideradas as etnias segundo o culto professado, estaria encontrada a razão de ser da diferença. Mas não devo estar afastado da realidade ao admitir que, naquela época, haveria cerca de **2800** fulas (forros e pretos) e mandingas (incluindo soninqués) animistas.

VI

Em regra, pelo que pude observar, a conversão ao islamismo, seja de fulas, seja de mandingas, é antecedida do abandono do uso de bebidas alcoólicas. Mas nem sempre se dá o do uso da carne de porco. Trata-se de uma espécie de fase preparatória para os que intentam o repúdio do seu culto tradicional.

Para convencerem os núcleos muçulmanizados de que aderirão ao credo, essa abstinência (do álcool) é ostensivamente anunciada nas reuniões da tabanca. Há expressões que a definem. Os

Fulas dizem *Mim tubi*, ou seja: «eu absteve-me de...», ou «eu deixei de...» (beber álcool, subentenda-se); os Mandingas empregam uma expressão equivalente: *N' mourê-ata* (de *N'*, eu+mourê ou *moor*, mouro+ata, que se traduz por «tornei-me, ou fiz-me, mouro»). O vocábulo «mouro» é, no geral, usado como sinónimo de «islamita» (pessoa que segue o islamismo ou que faz a sua propaganda), e aquela expressão pode ser traduzida por «converti-me ao islamismo»; mas, ressalvo, exprime mais a ideia de fase antecedente à conversão, ou seja, na realidade, a da abstinência do álcool.

Ao islamita é vedado pelo Alcorão o uso do álcool e, por consequência, uma das primeiras atitudes a tomar pelos que pretendam abraçar aquele credo é, entre outras, a do abandono do álcool.

A fase da abstinência pode ser seguida da da assimilação dos outros preceitos principais: as cinco orações diárias, antecedidas das respectivas abluções rituais e o jejum; e, posteriormente, a frequência regular aos locais do culto e às festas do calendário islâmico, assim como distribuir as esmolas adequadas aos diferentes rituais: na cerimónia de imposição de nomes aos filhos (o rapar do cabelo), na cerimónia que se realiza ao 7.º dia após o falecimento de algum adulto, na das festas da circuncisão, e tantos outros.

Cada preceito tem a sua designação. Uma vez utilizam vocábulos de origem árabe, adaptados à fonética nativa; outras vezes esses vocábulos correspondem a formas tradicionais.

A oração tanto é designada pelo vocábulo árabe *salâm* (de *salât*), na forma *salí* da língua mande, como pela forma fula, *djúli*⁽⁹⁾ para o acto individual e *djul-dé* para o colectivo. Assim, quando o Mandinga se islamiza, anuncia-o dizendo *n' kâr salí*, «eu costume rezar» ou «eu estou a rezar» ou «eu rezo»; o Fula adopta expressão de igual sentido: *mim djúli* ou *mim djúla*.

O jejum tem a designação de *hòrugôl* ou *korka*, ambos em fula, e a de *sum-ô*, em mandinga — esta buscada no radical árabe som, «jejuar».

A esmola periódica (nas festas fixadas no seu calendário), ou por rituais especiais, toma

a designação de *sadâka* ou apenas *sadâ*, derivada do árabe *zâka* ou *zâkat*, mas nestes com o sentido de «imposto, tributo». Será, pois, a «esmola legal» e obrigatória.

Os actos de culto tanto podem ser orientados pelos elementos qualificados (em regra os letrados) como por simples auxiliares destes (*arafã*) ou mesmo por indivíduos idosos e experientes nas diferentes práticas. Tanto podem ter lugar ao ar livre como em recintos apropriados. Nas grandes tabancas existe, por vezes, a mesquita. Esta toma a designação de *djamá-ô* em mandinga e *djuma* em fula, ambas, porém, derivadas do árabe *djâma*, «mesquita». Estes possuem também o vocábulo *mesdjid*, que alguns traduzem por «mesquita» ou «catedral». Nestes casos, a tabanca possui sempre o seu orientador, buscado nos elementos com cultura suficiente.

Dão-lhes variadas designações, vernáculas umas e adaptações do árabe outras: *karamô*, *fodé*, nos Mandingas; *chernô*, *talbô* ou *talibô* (pl. *tal-bé* ou *talibé*), *tchapatô*, em fula. Não considere aqui certas designações usadas em regra com total impropriedade nestas áreas, tais como *cheikh*, *uáliô*, *kutubô*, *marabú*, *cherife*, *kalifa* e outras, todas derivadas do árabe, porque me desviava do âmbito traçado a este trabalho. É vulgar utilizar indevidamente estes títulos, atribuindo-os a indivíduos sem qualquer direito ao seu uso.

Outro aspecto exterior a comprovar, nestes grupos, o abandono do animismo, substituindo-o pelo islamismo, é o que respeita à indumentária e aos adornos. E nestes últimos o mais sintomático é o uso de amuletos, de cabedal ou de metal, de tipo muçulmano.

Importa destacar que as conversões (as que observei) nunca se fizeram de pronto. Os períodos de adaptação são, em regra, longos; têm fases nos seus aspectos psíquico e material. Deve ser raro o abandono, de pronto, do animismo. Em mente, quase sempre (ia a dizer sempre), animismo e islamismo ficam a coexistir. As práticas mágicas mais vincadamente feitisticas, as de mais chocante exterioridade, essas podem ser (e são-no em geral) abolidas. As outras mais íntimas, essas perduram continuamente ou pelo menos durante mais tempo depois da conversão.

No processo de adaptação ao islamismo existe um conjunto imenso de problemas, de início, de pura ordem individual, mas que passam sucessivamente a ser de interesse familiar e social.

(9) Parece-me que *djúli* e *djul-dé* (pl.) usados pelos Fulas para significar «oração», «reza», são uma adaptação do vocábulo árabe *djuldjul*, «sino», «badalada».

VII

Como disse anteriormente, durante o século XIX e, em especial, nos primeiros 50 ou 60 anos do actual, o islamismo progrediu de forma espectacular.

A tal fenómeno não foram nem são estranhos os problemas sociais e económicos consequentes da primeira e da segunda guerras mundiais e, de certa forma, da actuação das administrações responsáveis em África.

Nos territórios que constituíram, outrora, as colónias da França (em especial no Sudão, no Senegal e na Guiné) e da Inglaterra há quem atribua o avanço do islamismo a erros de visão política e administrativa.

E em relação a nós, Portugueses, parece de elementar bom senso dizer que, embora em proporções mais modestas, como mais modestos são os nossos recursos em terras e em homens, também involuntariamente cometemos desvios que possibilitaram o avanço de leste para oeste da religião islâmica na Guiné.

No período que decorre de 1920 a 1940 assistiu-se à islamização (ou pelo menos à mandinguização) de massas consideráveis de soninquês «bebedores», de fulas-pretos, de balantas «virados manes», de nalus, de biafadas e mesmo de mandingas e fulas-forros e de algumas centenas de manjacos, dos de Pelundo.

E porque se deu este progresso do Islão?

Em minha opinião ele resultou fundamentalmente:

- a) De extenso, sistemático e demorado processo de catequização empreendido por agentes fulas e mandingas, instruídos e enviados pelos dirigentes das diferentes confrarias do Baixo Senegal e Alto Casamansa, designadamente do Firdú, e dos centros de Pacáo e Yacine (Casamansa), e de Kadé, de Tuba, de Labé e de Timbó, etc. (Futa-Djaló). Esses agentes fixaram-se em locais convenientes, como Jabicunda, Bijine (Bafatá), Cambor (Gabu) e, mais recentemente (há uns 25 anos) em Ingorei (S. Domingos).
- b) E também⁽¹⁰⁾ por não nos termos apercebido desse avanço ou subesti-

mado muito a sua importância, e por isso mesmo não enfrentámos o problema, facultando às missões católicas os meios suficientes e eficientes para o combater.

môs de Jabicunda, Bijine (Bafatá) e Cambor (Gabu), segundo a ordem cronológica em que exerceram as suas funções. Foi assim possível obter as seguintes indicações (Julho de 1963):

De Jabicunda:

- 1 — *Fodé Bacar Fati*, mandinga, filho de Mancamã Fati e de Dussú Fati. Nasceu em Jabicunda. Foi o primeiro *karamô* e o fundador da actual mesquita. Esta foi construída entre 1860 e 1880, depois de os Mandingas de Jabicunda regressarem do Oio (Farim), onde se haviam refugiado em consequência da guerra com os Fulas.
- 2 — *Fodé Malã Fati*, mandinga, filho de Cancanhe Fati e de Aminata Fati. Nasceu em Jabicunda.
- 3 — *Ansumane Sissé*, mandinga, filho de Fodé Amara Sissé. Nasceu em Jabicunda.
- 4 — *Fodé Amara Fati*, mandinga, filho de Massirêm Fati e de Cadi Fati. Nasceu em Jabicunda.
- 5 — *Fati Djã*, mandinga, filho de Babada Fati e de Tuncú Fati. Nasceu em Jabicunda.
- 6 — *Fodé Caramô Fati*, mandinga, filho de Alcali Fati e de Sene Dabó. Nasceu no Oio (Farim). É o *karamô* actual.

De Bijine:

- 1 — *Fodé Daiüda Sama*, saracolé, filho de Mamadú Lamine Sama e de Binta Baba. Nasceu em Bijine.
- 2 — *Mustafá Sama*, filho de Bubacar Sibiquê Sama e de Sene Baba, nascido em Bijine. Parece ser de ascendência saracolé, tanto mais que os informadores não chegaram a acordo quanto ao grupo étnico de origem, dizendo uns que saracolé e outros que mandinga.
- 3 — *Sumaila Cassamá*, mandinga, filho de Fodé Sissáu Cassamá e de Mariama Sanha. Nasceu em Bijine.
- 4 — *Sumaila Cassamá*, mandinga, filho de Arafã Mala Cassamá e de Djênabá Fati. Nasceu em Bijine.
- 5 — *Califa Cassamá*, mandinga, sobrinho do anterior. Nasceu em Bijine.
- 6 — *Sidia Cassamá*, mandinga, filho de Mohamadú Cassamá e de Mariama Sani. Nasceu em Bijine. É *karamô* de Bijine há apenas quatro anos.

De Cambor:

- 1 — *Cherno Amadú N'Gàri*, futa-fula, nascido em Cambor.
- 2 — *Mama N'Gàri*, filho do anterior, futa-fula, nascido em Cambor.

Nota. — A orientação religiosa e de ensino islâmicos tem sido atributo da família Fati em Jabicunda e da família Cassamá em Bijine.

Ao administrador Raul Ferreira deixamos aqui consignados os agradecimentos pela contribuição valiosa dada a este trabalho.

⁽¹⁰⁾ A meu pedido, o actual administrador do concelho de Bafatá, Raul Rodrigues Ferreira, procedeu a investigações tendentes a determinar os nomes dos *kara-*

Não há dúvida de que a acção missionária só pode ser profícua quando dirigida a comunidades animistas e antes de estas serem aliciadas pelo islamismo. Por essa razão é que nos 30 anos anteriores a 1940 se deveria ter estruturado um programa, fazendo-o executar a rigor. Em 1930-1931, quando se fundaram as missões católicas (com reduzidos recursos financeiros e de pessoal), o mal penetrara profundamente, tornando-se, por assim dizer, «contagioso».

Além daquelas duas ordens de causas antes apontadas, o progresso do islamismo acentuou-se também, em minha opinião, em consequência da promulgação de leis que, indirectamente, facilitaram a acção dos propagandistas.

Em 1917 foi publicada a Portaria n.º 128 (de 21 de Março), que criava a taxa designada de «extracção de vinho de palma» (da palmeira-do-azeite e do cibe), a incidir sobre todos os indivíduos que se dedicassem à lavra à sura, fosse ela para utilização ou consumo próprio ou fosse para venda.

Essa taxa era lançada mediante recenseamento prévio dos extractores. Tinha a dupla finalidade de tentar a repressão da lavra desmedida à sura, pelo mal que causava às matas de palmeiras, e de facultar alguns recursos financeiros aos organismos administrativos, então de recente criação.

A despeito do quantitativo reduzido daquela contribuição, as massas animistas, as únicas sobre as quais incidia, viram nela uma medida discriminatória, pois os seus vizinhos islamizados estavam isentos do seu pagamento.

Os povos do litoral, imunes então a qualquer acção dos propagandistas islâmicos, pela sua mentalidade específica, diferente da dos do interior, não mostraram relutância em pagar a taxa de extracção de vinho de palma. Contudo, os mandingas ainda mal «islamizados», os soninqués e os fulas (forros e pretos) «bebedores», mentalmente mais evoluídos do que os homens do litoral, esses, possivelmente por influência de karamôs e almamis, começaram poucos anos depois a esquivar-se ao recenseamento e, portanto, ao pagamento. É quase certo que a propaganda islâmica, surda mas incisiva e persistente, utilizou em seu favor essa medida.

De início as reacções deveriam ter sido tímidas. Com o decorrer do tempo elas evidenciaram-se pelas sucessivas declarações dos extractores de vinho de palma de que haviam deixado de «furar»⁽¹¹⁾ ou mesmo de «beber» (o vinho, subentenda-se). E o «deixar de furar ou de beber» era sempre um passo para a islamização.

Poderá argumentar-se que a declaração de abstinência (do vinho) ou a da sustação da actividade (extracção) poderia ser falsa e como tal arguida. Mas... quais eram os meios para provar essa falsidade? E, entretanto, os abstémios avolumaram-se e os «furadores» (extractores) foram abandonando a actividade. E o certo é que — embora se possa admitir, de início, a existência de falsas declarações — os islamizados (fulanizados ou mandinguizados) aumentaram em número sempre crescente e nas proporções de todos conhecidas.

Em minha opinião, repito, o lançamento da chamada «taxa de extracção de vinho de palma» contribuiu, ainda que indirectamente, para facilitar e abreviar a islamização dos Soninqués, dos Mandingas, dos Nalus, dos Biafadas, dos Fulas e dos Balantas, das camadas animistas.

É verdade que, se a taxa não fosse criada, da mesma forma a islamização ganharia terreno. No entanto, creio, só o teria conseguido em muito mais tempo, e não com tamanhos resultados.

*

Não sei se consegui imprimir à exposição a clareza que seria de desejar. Todavia, reconheço que fui prolixo, mas procurei ser o mais objectivo possível.

Desejo que estes modestos subsídios sirvam para fazer despertar a ideia da elaboração de um estudo sistemático do processo da islamização das gentes da Guiné.

Os esboços topográficos insertos no texto ajudam a compreender a marcha da islamização e a distribuição das etnias nesse período de 1894-1897, período que se me aparenta tão distante como a data em que empreendemos as navegações marítimas e as descobertas.

Lisboa, Abril-Julho, 1963.

(11) Deriva de «furo» ou «incisão» que se faz na base da infrutescência da palmeira a fim de, por esse meio, escorrer a seiva.

BIBLIOGRAFIA

1. ARCIN, André — *Histoire de la Guinée Française*. Augustin Challamel, éditeurs. Paris, 1911.
— *La Guinée Française*. Augustin Challamel, éditeurs. Paris, 1907.
2. DE TRESSAN, M. de Lavergne — *Inventaire linguistique de l'Afrique Occidentale Française et du Togo*. Mémoires de l'I. F. A. N., n° 30. Dakar, 1953.
3. FERNANDES, Valentim — *Description de la côte occidentale d'Afrique (Senegal au Cap du Monte, Archipels)*, por Th. Monod, R. Mauny & T. da Mota. Memória n.º 11 do C. E. G. P. Bissau, 1951.
4. GOUILLY, Alphonse — *L'Islam dans l'Afrique Occidentale Française*. Éditions Larose. Paris, 1952.
5. LEFROU, G. — *Le Noir d'Afrique*. Payot. Paris, 1943.
6. MACHAT, J. — *Guinée Française — Les rivières du Sud et le Fouta-Diallon (Géographie physique et civilisations indigènes)*. Augustin Challamel, éditeurs. Paris, 1906.
7. MARTY, Paul — *L'Islam en Guinée — Fouta-Diallon*. Éditions Ernest Leroux. Paris, 1921.
8. MENDONÇA, Renato — *A Influência Africana no Português do Brasil*. Livraria Figueirinhas. Porto, 1948 (3.ª edição).
9. MOTA, Avelino Teixeira da — *Guiné Portuguesa*. Edição da Agência-Geral do Ultramar (Monografias do Ultramar Português). Lisboa, 1954.

DEUX CARTES TOPOGRAPHIQUES DE GRAÇA FALCÃO (1894-1897) ET L'EXTENSION DE L'ISLAMISME JUSQU'AUX RIVES DU FARIM

RESUME

L'Auteur, partant de deux cartes topographiques de la région du Farim (Guinée portugaise) élaborées de 1894 à 1897 par Graça Falcão, a analysé l'expansion de l'islamisme et ses conséquences, tout en dévoilant les causes principales de l'évolution de cette foi dans la région.



TWO TOPOGRAPHIC MAPS BY GRAÇA FALCÃO (1894-1897) AND THE EXTENSION OF ISLAMISM TO THE FARIM RIVER

SYNOPSIS

The Author, using two topographic maps of the Farim area (Portuguese Guinea) drawn between 1894 and 1897 by Graça Falcão, made an analysis of the expansion of islamism and its consequences and mentioned the main causes of the evolution of this faith in the region.